ISSN:
Ano 2022
Volume 1 – Número 1

CIÊNCIA NA PRÁTICA

UniSales
Centro Universitário Salesiano

PERSPECTIVA DOS PSICÓLOGOS QUE ATUAM COM A TERAPIA ABA VOLTADA PARA O TEA

PERSPECTIVE OF PSYCHOLOGISTS WHO WORK WITH ABA THERAPY FOCUSED ON ASD

Gabriela Couto Gomes [1]

Alexandre Gomes Brito [2]

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista gera atraso no desenvolvimento, obstáculos na interação social, comunicação, comportamento e na área sensorial do indivíduo. O acompanhamento com psicólogo é imprescindível no processo de intervenção, por isso, esta pesquisa investigou a perspectiva dos psicólogos que atuam com ABA para pessoas com TEA, além de buscar conhecer os principais desafios enfrentados por esses profissionais e quais são as estratégias acionadas nas suas intervenções. A pesquisa é de teor qualitativo, tendo como método a entrevista semiestruturada. Participaram dez psicólogos, do gênero masculino e feminino, que atuam com ABA e crianças e adolescentes autistas, em clínicas privadas na cidade de Vitória e Vila Velha, no Espírito Santo. A análise de dados foi realizada por meio da análise de conteúdo e sob a ótica da psicologia comportamental. Os resultados encontrados mostram que os psicólogos se sentem realizados e motivados quando constatam evoluções no desenvolvimento de seus pacientes. Por fim, evidenciou-se a necessidade de abordar sobre autismo e ABA ainda na formação acadêmica de psicologia.

ABSTRACT: Autism Spectrum Disorder causes developmental delay and obstacles in social interaction, communication, behavior and sensorial areas of the individual. The psychological follow-up is essential in the intervention process, therefore, this research investigated the perspective of psychologists who work with ABA for people with ASD, in addition to knowing the main challenges faced by these professionals and what strategies are used in their interventions. The research is qualitative, using the semi-structured interview method. Ten psychologists, male and female, who work with ABA with autistic children and adolescents in private clinics in the cities of Vitória and Vila Velha, Espírito Santo, participated. Data analysis was performed through content analysis and under the perspective of behavioral psychology. The results found show that the psychologists feel fulfilled and motivated when they see developments in their patients. Finally, the need to address autism and ABA in the university was highlighted.

1. INTRODUÇÃO

O aumento de casos de autismo tem sido observado em vários países do mundo, podendo se dar por diversos motivos, como um maior conhecimento da população sobre o transtorno e a procura pelo diagnóstico, além dos fatores genéticos que podem influenciar no aumento do número de casos (STEFFEN et al.; 2019). Nos Estados Unidos da América (EUA), no ano de

[1] Aluna de Psicologia do Centro Universitário Salesiano - UniSales (coutogomesss@gmail.com)
[2] Orientador do Centro Universitário Salesiano - UniSales (abrito@souunisales.com.br)

2004, a prevalência encontrada foi de um autista a cada 68 crianças, ou seja, 1,47% de domínio. O Brasil faz uso dos dados obtidos pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos EUA como base para pesquisa, visto que ainda não possui dados concretos a respeito do número de pessoas autistas no país, em decorrência que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ainda não realizou o levantamento desta informação.

Embora alguns sinais possam ser identificados nos primeiros anos de vida do bebê, é possível que o diagnóstico só seja fechado anos mais tarde. Apesar disso, conforme posto por Steffen e colaboradores (2019), alguns sintomas precisam ser observados desde cedo, caso apareçam, podem ser considerados suspeita de Transtorno do Espectro Autista (TEA), como quando a criança apresenta ausência de contato visual, não responde quando é chamada, não expressa sentimentos, não gesticula, fala e não interage com outras crianças.

Quando o diagnóstico é realizado, indica-se o acompanhamento multidisciplinar para o tratamento de pessoas autistas, dado que é realizado através da combinação de profissionais de várias especialidades; como psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, psicopedagogos e educador físico. Com qualificações e experiências que se complementam, buscam visualizar o indivíduo como um todo para identificar as questões que necessitam ser trabalhadas, visando garantir um tratamento completo (SILLOS et al., 2020).

Assim, uma das possibilidades para intervenção com pessoas que possuem o Transtorno do Espectro Autista, é a Applied Behavior Analysis (ABA), que é um termo em inglês utilizado para referir-se à Análise do Comportamento Aplicada. A ABA demonstra ser uma das intervenções mais eficientes para o tratamento de pessoas autistas, visto que possui muitos trabalhos científicos com resultados positivos para apoiar tal prática (SOUSA et al., 2020).

Mais especificamente, o psicólogo especializado em Terapia ABA, que atua com TEA em uma equipe multiprofissional, é responsável por uma avaliação mais minuciosa da parte comportamental do paciente, além de desempenhar o papel fundamental de assistência ao restante da equipe e fornecer orientação e apoio aos responsáveis da criança ou adolescente (GARGANTINI et al., 2015).

O objetivo deste trabalho é identificar como tem se delineado a experiência dos psicólogos(as) que atuam com pessoas no Transtorno do Espectro Autista. Os objetivos específicos consistem em conhecer os principais desafios enfrentados por psicólogos(as) que atuam com pessoas do Transtorno do Espectro Autista; pesquisar quais são as estratégias acionadas no tratamento com TEA; e investigar se os profissionais conhecem outras intervenções para autismo além da ABA.

A escolha do tema se deu a partir da lacuna científica encontrada nas pesquisas brasileiras que abordam as experiências profissionais do psicólogo na intervenção com pessoas do Transtorno do Espectro Autista a partir do tratamento com a terapia ABA e devido às experiências vividas durante a graduação. Por isso, identificou-se a oportunidade de viabilizar uma pesquisa com esta temática, salientando a necessidade de estudar quais são os instrumentos acionados nesses trabalhos.

O tema é de relevância científica para a psicologia, dado que este trabalho visa subsidiar a capacitação de psicólogos na área de atuação em terapia ABA com indivíduos autistas. Ademais, a participação destes profissionais relatando as suas experiências proporciona o aumento da visibilidade sobre a temática. Possui ainda a relevância social, visto que é imprescindível a constante capacitação para que possam realizar as intervenções mais apropriadas, visto que, na ausência de intervenção adequada, os sintomas de uma pessoa com TEA podem influenciar negativamente nas conquistas pessoais, educacionais, profissionais e sociais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 UM OLHAR PARA O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por alterações no neurodesenvolvimento do indivíduo, apresentando déficits em três grandes áreas, sendo a comunicação, interação social e o comportamento. O diagnóstico de autismo é essencialmente clínico, ocorrendo principalmente através da observação direta do comportamento do paciente e de entrevista anamnésica com os pais ou responsáveis. Alguns aspectos devem ser investigados durante o processo de avaliação, como a história social e familiar da criança, história médica e o contexto do desenvolvimento desse sujeito (SILVA; MULICK, 2009).

Atrasos em determinadas áreas do desenvolvimento podem ser indício de autismo. De acordo com APA (2014), o autismo se caracteriza por déficits persistentes na comunicação e interação social em múltiplos contextos, além de poder apresentar padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Para que o diagnóstico se concretize, os sintomas precisam necessariamente aparecer precocemente no desenvolvimento da criança; causar prejuízo significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do sujeito; devendo ainda especificar caso haja comprometimento intelectual ou da linguagem de forma associada ao TEA. Por último, é preciso classificar conforme a gravidade do autismo, variando de acordo com nível de apoio necessário.

De acordo com APA (2014), no nível leve de suporte, o autista necessita de pouca assistência para realizar suas atividades; com apoio, pode apresentar dificuldade para se comunicar, mas não demonstra grande empecilho para socializar, apesar de ter interesse reduzido para interagir socialmente; tende a ter problemas para organização e planejamento etc. No nível moderado, a pessoa com TEA necessita de suporte; apresenta déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; tem prejuízos notáveis mesmo com apoio; tem limitação para interações sociais; e tem dificuldade em se adaptar a mudanças. Por fim, no nível grave, o indivíduo necessita de maior apoio do que nos níveis anteriores; há prejuízos graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; possui intensa dificuldade nas interações sociais; tendem a ter muita dificuldade em lidar com mudanças e inclinam-se ao isolamento social, se não estimulados.

Detectar os principais sinais de alerta para o autismo é imprescindível para que se tenha um diagnóstico para uma intervenção precoce. Segundo Papalia e Feldman (2013), é essencial atentar-se aos principais marcos do desenvolvimento da criança, como repetir sons, reconhecer o próprio nome, acenar, gesticular, formular frases curtas, sorrir para outras pessoas, segurar objetos, demonstrar emoções, sentar-se sozinho, engatinhar e andar.

O atraso na fala tende a ser o primeiro sintoma que preocupa os responsáveis, médicos e professores. Diante da demora no desenvolvimento da comunicação, a criança pode apresentar dificuldade para realizar pedidos, combinar palavras e formar frases, sendo possível que ela apresente alterações na prosódia (BORBA; BARROS, 2018). Importante destacar que nem todo atraso no desenvolvimento é necessariamente motivo de preocupação e de alerta para os responsáveis, visto que cada criança se desenvolve e ganha novas habilidades no seu tempo. Todavia, se esses atrasos persistirem, contar com o apoio de profissionais capacitados é essencial, como pediatras e psicólogos para realizar uma avaliação (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Algumas questões como hereditariedade, ambiente e maturação são fatores que podem influenciar no desenvolvimento de um indivíduo. A hereditariedade refere-se à carga genética, traços inatos ou características que são herdadas. O ambiente, no entanto, diz respeito a uma série de influências e estimulações do meio que são capazes de alterar os padrões de

comportamento do sujeito. Por último, a maturação diz respeito ao crescimento e progresso biológico dos órgãos, ou seja, uma consequência natural do amadurecimento do corpo. Ao longo da vida, todos os seres humanos são submetidos a mudanças no corpo, entretanto, os ritmos processos de cada pessoa costumam variar (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Visando a devida inclusão dessas pessoas na sociedade, do nível mais leve ao mais grave de suporte, é obrigação do estado, através de políticas públicas, assegurar às pessoas com deficiência que seus direitos previstos em lei sejam cumpridos a fim de garantir o acesso à direitos básicos, tais como educação, saúde, trabalho, lazer, previdência social, amparo à infância e à maternidade, além de bem-estar pessoal, social e econômico; além da garantia do princípio da dignidade humana (OLIVEIRA et al., 2017). Isto posto, conforme previsto no Art. 1º da Lei nº 12.764 inciso II: "A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais" (BRASIL, 2012). Conforme Oliveira e outros (2017), também é dever do estado fiscalizar e penalizar aqueles que infringirem a lei e cometerem crime e/ou infrações contra à pessoa com deficiência.

Dessa forma, o supervisionamento dos serviços e profissionais que prestam serviços para o público autista, como as clínicas de ABA, é fundamental e deve ser realizado de forma a verificar e exigir o cumprimento das leis existentes que visam os direitos desses indivíduos. Logo, a luta pela conquista dos direitos resguardados por lei, apesar de exaustiva e por vezes demorada, é essencial para uma melhor qualidade de vida, tanto para a criança ou adolescente com TEA quanto para os seus familiares (OLIVEIRA et al., 2017).

2.2 A ESTRUTURA FAMILIAR E O PAPEL DA FAMÍLIA

Ao descobrir que serão pais, os responsáveis pela criança, frequentemente tendem a idealizar o filho perfeito, que ele seja saudável e sem deficiências. Todavia, isso é algo incerto e não há a possibilidade de escolha. Assim, quando encaram a realidade de um diagnóstico que não estavam preparados para receber, tende a ser um momento de choque, tristeza e frustração (PINTO et al., 2016).

Por essa razão, lidar com uma situação nova e ter de encarar potenciais limitações pode acarretar sentimentos que até então eram desconhecidos, conforme posto por Buscaglia (2006), a família não costuma estar preparada para encarar com naturalidade, gerando medo e angústia, além de levar um tempo para aceitar o diagnóstico e consequentemente demorar para iniciar o tratamento. Neste contexto, quando não possuem uma rede de apoio, como equipe profissional, parentes e amigos, as maiores sobrecargas tendem a recair nos pais, sobretudo na mãe.

Segundo Freitas e Gaudenzi (2022), mães de autistas constantemente abdicam da sua vida profissional em função dos filhos, seja oferecendo a atenção que precisam em casa, levando em médicos ou para as terapias intensivas. Com tantas responsabilidades, a maternidade torna-se uma experiência difícil, na qual acaba faltando tempo para outras atividades, como autocuidado, lazer e inevitavelmente podendo afetar a longo prazo o cuidado à criança, visto que, há uma recorrência dessas mães virem a desenvolver futuramente alguns transtornos, como a depressão.

Apesar dos pais de pessoas autistas, em menor escala quando comparado às mães, também se sentirem com excesso de preocupações, os pesos entre a maternidade e a paternidade não são os mesmos. Isso ocorre porque, conforme posto por Pinto colaboradores (2016), quando a idealização do filho que foi tanto desejado é rompida pelo diagnóstico, muitas vezes os pais não conseguem suportar o peso da responsabilidade e dessa forma acabam abandonando a família, dando pouco ou nenhum suporte à mãe para a criação da criança.

Para Buscaglia (2006), as dificuldades enfrentadas por uma família com filho autista não são poucas, dado que, além de levar a criança para as terapias semanais, escola, consultas médicas, e outras atividades, esses pais precisam estar atentos aos treinos realizados na clínica para seguir os mesmos passos ensinados, ou seja, a família precisa participar efetivamente no processo de tratamento do seu filho.

2.3 APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS

Conforme Skinner (2003), comportamento é tudo aquilo que envolve e controla uma ação, ou seja, um conjunto de funções capazes de propiciar a interação do organismo com o meio social. Para que ocorra o comportamento é necessário um estímulo antecedente, e após a resposta frente a esse estímulo, sucede uma consequência dessa ação. Através da terapia, o profissional tem como objetivo ensinar novas respostas ao sujeito para que futuramente o paciente tenha a capacidade de generalizar tais habilidades para ambientes além da clínica.

A Applied Behavior Analysis (ABA) dirige-se a realizar associações entre o ambiente, comportamento humano e a aprendizagem. É uma ciência frequentemente utilizada em pessoas autistas, buscando a inserção de respostas mais apropriadas no comportamento do indivíduo, através de reforçadores positivos para que o objetivo possa ser alcançado (SILVA; PASSETO; BARCELOS, 2022).

O comportamento das pessoas em forma geral, pode diminuir ou aumentar de frequência de acordo com as consequências que são geradas de sua ação (SANTOS; LEITE, 2013). À vista disso, os reforçadores são divididos em positivos ou negativos. A ABA utiliza ambas as formas de reforçadores visando o aumento da frequência de resposta do indivíduo, sendo que através do reforço positivo ocorre diante da adição de um estímulo no ambiente, enquanto o reforço negativo ocorre decorrente da retirada de um estímulo (SKINNER, 2003).

Dito isso, além da possibilidade de aumentar a frequência de respostas, é possível ainda a utilização da extinção, cujo objetivo é o enfraquecimento de comportamentos inadequados, diminuindo assim a sua chance de ocorrência. Ao diminuir a relação entre o comportamento indesejado realizado e a consequência que obtém, é pressentido que a frequência do comportamento aumente e após um período ele inclina-se a diminuir (SKINNER, 2003).

Para que os objetivos sejam alcançados, de acordo com Goulart e Assis (2002), uma das primeiras etapas da Terapia ABA é a realização da análise funcional. É realizada uma avaliação abrangente dos comportamentos realizados pelo indivíduo e de suas potencialidades, analisando a relação dos comportamentos com o ambiente. Com essas informações e outras avaliações tendo sido realizadas, o plano de ensino individualizado de acordo com as necessidades específicas do indivíduo é montado para que a equipe use como direcionamento da sua intervenção.

Além da análise funcional, outra possibilidade constantemente utilizada é o treino por tentativas discretas, na qual divide-se os treinos em etapas mais simples visando a inserção dessas habilidades e fortalecendo cada uma delas através de uma sequência de tentativas. No processo há a apresentação de um estímulo e de dica/ instrução caso necessário, em seguida ocorre a emissão do comportamento e a obtenção do reforçador como consequência (FERREIRA; SILVA; BARROS, 2016).

O plano de ensino individualizado é criado de forma a treinar os operantes verbais, que são eles o tato, ecóico, mando e intraverbal. O mando é essencial para a interação social, ocorrendo quando o indivíduo solicita algo, sendo de forma verbal ou não; o tato são as nomeações de tudo que nos cerca; intraverbal são as respostas vocais que ocorrem de forma

espontânea; o ecóico ocorre de vocal para vocal, ou seja, a duplicação de sons de um indivíduo para o outro (BARROS, 2003).

Segundo Steffen e outros (2019), o cérebro está mais suscetível a aprender e potencializar habilidades aprendidas na primeira infância, mais especificamente do nascimento até os três anos de idade, por isso a importância da intervenção precoce, aproveitando ao máximo a neuroplasticidade do cérebro da criança. Desta forma, de acordo com Nascimento, Lima e Moraes (2021, p. 43)

> Um dos maiores objetivos da intervenção precoce, portanto, seria justamente o aproveitamento desta "janela de oportunidade" advinda da neuroplasticidade cerebral para a aceleração do desenvolvimento em todos os domínios, em particular cognitivo, social, emocional e linguístico. Isso permitiria reduzir a severidade de sintomas relacionados ao TEA e, ao mesmo tempo, aumentaria a chance de um melhor prognóstico, aprimorando o desempenho e o bem-estar do sujeito.

Dessa forma, apesar de ser importante a intervenção começar nos primeiros anos de vida em razão do cérebro ainda estar em desenvolvimento, a ABA também pode auxiliar e melhorar a qualidade de vida de crianças mais velhas e adultos (BEZERRA, 2018). A neuroplasticidade refere-se à capacidade do sistema nervoso se desenvolver e adaptar conforme os aprendizados, experiências e situações vivenciadas ao longo da vida (SILVA; PASSETO; BARCELOS, 2022).

Corroborando com isso, Steffen e outros (2019), reiteram a importância da intervenção intensiva e precoce, com os seguintes focos: ensino de atividades de vida diária, habilidades no âmbito emocional, cognitivo e de linguagem; contato visual; redução de comportamentos problema; diminuição da frustração e esquiva; e na generalização de comportamentos.

De acordo com o exposto por Mello (2003), o tratamento em ABA busca ensinar habilidades e competências que o indivíduo autista ainda não possui. Ademais, Canal e Silva (2022), reiteram que o Transtorno do Espectro Autista se caracteriza como um transtorno global do desenvolvimento, e não como uma doença, portanto não existe uma cura para tal. O termo tratamento refere-se a possibilidades de intervenções que buscam o desenvolvimento de competências da pessoa autista e não curar os seus sintomas.

Os treinos podem ser iniciados com dicas para que faça o que foi pedido, e evoluindo para cada etapa de instrução até que o paciente alcance a quantidade de respostas desejadas sem ajuda. Por isso, segundo Gargantini e outros (2015), cada evolução de repertório, por menor que seja, é imprescindível para treinos e conquistas futuras. Desta forma, ao reforçar os comportamentos socialmente aceitos e modificar os comportamentos inadequados, proporciona uma melhora nas habilidades sociais e afetivas.

A fim de chegar aos objetivos, o reforçador é uma forma de utilizar algo que a criança ou o adolescente goste, como uma brincadeira, biscoito, elogio, palmas ou abraço, para usar imediatamente após o indivíduo realizar o comportamento esperado. Desta forma, o comportamento adequado será ensinado e será valorizado no acerto, aumentando as chances de que esse mesmo comportamento seja repetido futuramente (SCHMIDT; FINATTO; FERREIRA, 2022).

O psicólogo pode realizar intervenção em autismo através de diferentes áreas da psicologia, tais como a terapia ABA que se baseia nos princípios da Análise do Comportamento e é a única intervenção comprovada cientificamente que proporciona avanços no desenvolvimento da pessoa com TEA, na qual conta com um leque de instrumentos que visam ensinar comportamentos; a psicanálise, que busca focar na subjetividade do sujeito, dado que, os seus "sintomas'' são sinais de incômodo e que são reproduzidos no ambiente clínico; a abordagem

Fenomenológica e Humanista é baseada na abordagem Centrada na pessoa, foca no presente e nas potencialidades que cada pessoa carrega e as formas que vão desenvolvendo de reconhecer e compreender a si mesmo, assim como a possibilidade de interagir com o meio em que vive (FAUSTINO et al., 2021).

Ainda, a Terapia Cognitivo Comportamental, busca compreender e auxiliar a forma do indivíduo demonstrar sentimentos; se relacionar com familiares, amigos e cônjuges, além do processo terapêutico para transtornos psiquiátricos como ansiedade e depressão em pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (GOMES; COELHO; MICCIONE, 2016).

Além das citadas anteriormente, Canal e Silva (2022) ressaltam que os modelos Denver e Floortime também são muito utilizados. Denver fundamenta-se na Análise do Comportamento, assim como a ABA, entretanto, não é uma ciência, e sim um protocolo; portanto, a sua aplicação do método Denver busca ocorrer de forma naturalista, dinâmica e positiva. Por último, o Floortime é um modelo que dá ênfase em auxiliar o indivíduo a compreender os seus sentimentos, para que dessa forma seja possível expressá-los e consequentemente facilite a relação dessas pessoas com seus familiares e cuidadores.

2.4 A EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

O diagnóstico tardio pode acarretar inúmeras implicações, visto que o indivíduo possivelmente terá maiores comprometimentos nas suas habilidades sociais e nas atividades diárias, podendo a longo prazo aumentar a incidência de transtornos psiquiátricos que poderiam ser evitados (NASCIMENTO, 2021). Dessa forma, a equipe multiprofissional visa trabalhar para a melhora progressiva da qualidade de vida do paciente, estimulando todas as áreas de desenvolvimento, sendo que cada âmbito é trabalhado por um profissional especializado. A equipe multidisciplinar possui a capacidade de trabalhar intervindo tanto os indivíduos que receberam o diagnóstico precoce quanto os que tiveram de forma tardia. As capacitações e reuniões de equipe tiram o sujeito da prática individual, levando-o para a execução em grupo, onde possuem a chance de aprimorar as suas habilidades teóricas e práticas para a intervenção, desta forma proporcionando na efetividade da atuação de cada profissional (BENITEZ et al., 2020).

Segundo Benitez e colaboradores (2020), uma equipe multidisciplinar que trabalha com autismo é composta por psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo, terapeuta ocupacional, educador físico, e especialidades da área da medicina. O psicólogo tende a ser um dos primeiros da equipe multidisciplinar a ter contato com a família, onde ele irá realizar uma entrevista inicial tendo como objetivo conhecer acerca da realidade do sujeito, para posteriormente fazer um plano de intervenção individualizado e seguir acompanhando a evolução dele (SILVA; MULICK, 2009).

A terapia ABA precisa ser complementada com o tratamento em conjunto com a equipe médica, a fim de acompanhar o quadro do indivíduo e utilizar medicamentos caso necessário, visando agir diretamente sobre os sintomas que afetam o funcionamento do indivíduo, e que por consequência afetam no seu desempenho, como os comportamentos agressivos para si mesmo ou outras pessoas, baixa tolerância à frustração e hiperatividade (NIKOLOV; JONKER; SCAHILL, 2006).

Quando os atendimentos em consultório não são suficientes para suprir as necessidades de intervenção, o acompanhante terapêutico (AT), entra nesse momento visando intensificar e aprimorar as intervenções, dessa vez em ambiente natural. O AT vai até a casa da criança ou adolescente realizar os treinos estabelecidos, de acordo com o plano individualizado que é criado. Além de poder intervir na casa, o profissional pode ainda trabalhar em ambiente

escolar, como mediador entre o professor e o aluno com autismo, promovendo a interação do seu paciente com outras crianças, além de ajudar na realização de atividades. Em suma, o acompanhante terapêutico aplica treinos com o objetivo de ensinar habilidades e de generalizar comportamentos para além do ambiente da clínica (CASSAS, 2013).

2. 5 O PAPEL DO PSICÓLOGO NA INTERVENÇÃO EM AUTISMO

O profissional da psicologia, conforme posto por Souza (2004), deve conhecer características de desenvolvimento infantil, a fim de ter capacidade de identificar áreas que estão em defasagem e precisam de ser potencializadas, em que o profissional deverá observar e analisar o comportamento do indivíduo e suas relações com o ambiente visando realizar a avaliação de maneira mais minuciosa.

Apesar dos deveres do psicólogo na sua atuação, uma pesquisa realizada por Silva e colaboradores (2018), indicou que nenhum dos 295 participantes da pesquisa acertou mais de 50% do questionário. Os estudantes de psicologia têm se formado sem um conhecimento adequado sobre autismo, sem aprofundamento no assunto nas disciplinas da grade curricular, sem ter a experiência em estágios obrigatórios nessa área ou em pesquisas de iniciação científica. Sendo assim, é possível afirmar que a falta de experiência, caso quando formado, o profissional decida seguir neste campo de ABA e TEA, a falta de despreparo para o tema afeta diretamente o desempenho do profissional.

A construção do vínculo terapêutico é imprescindível para que ambos se engajem no processo terapêutico, e assim seja possível ocorrer o desenvolvimento do trabalho e mudanças significativas possam ser alcançadas (SANTOS; 2017). Em sua atuação, o psicólogo deve compreender e respeitar as características de cada um dos seus pacientes, afinal, são diferentes e possuem suas particularidades. Entretanto, é comum aparecerem dificuldades, visto que é preciso saber lidar com os desafios do dia a dia, saber ser criativo para criar formas de intervenções, possuir um bom manejo em situações difíceis, manter a conexão com a equipe e com os familiares da criança (ALVES; ALVES, 2022).

Os desafios da intervenção em ABA, segundo Alves e Alves (2022), acontecem devido o processo ser frenético e árduo, necessitando mais vigor por parte do terapeuta, visto que os sentimentos de frustração e cansaço podem aparecer devido às demandas e sobrecarregar o terapeuta. Ainda assim, conforme posto por Souza (2019), é gratificante quando o psicólogo consegue observar que realizou um bom trabalho, que traz resultados positivos, contribui para a evolução e o desenvolvimento do paciente.

O diferencial da ABA se refere aos resultados comprovados e no fato que conta com um conjunto de procedimentos para auxiliar no ensino de habilidades, como por exemplo as avaliações e registros dos treinos para um melhor acompanhamento da evolução do paciente; utilização de reforçadores positivos para manter um comportamento; generalização, que busca levar comportamentos que foram aprendidos no ambiente da clínica para o dia a dia do indivíduo; capacitação de pais e profissionais para garantir constante estudo no assunto; reuniões de equipe, onde um profissional capacitado supervisiona e orienta como conduzir cada caso e os outros profissionais que atendem o mesmo paciente possuem a oportunidade de compartilhar dicas e experiências (BENITEZ et al., 2020).

De acordo com Steinbrenner e colaboradores (2020), apesar da eficácia comprovada cientificamente da ABA, a efetividade da intervenção depende muito da maneira como o terapeuta irá realizar o seu trabalho. É imprescindível que o profissional se empenhe na sua atuação, mantendo-se constantemente capacitado e atualizado no assunto, preencha os registros de treino, participe das supervisões de equipe, tire dúvidas caso necessite.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi de campo, qualitativa, sendo de natureza exploratória e descritiva. A pesquisa qualitativa analisa dados subjetivos dos indivíduos, se baseia em experiências pessoais, é mais flexível e proporciona mais liberdade ao pesquisador. O tipo de pesquisa exploratória tem como função envolver o pesquisador em uma exploração que o leve a uma familiarização com o tema a ser estudado a fim de trazer um maior aprofundamento sobre o problema a ser investigado. A pesquisa descritiva, tem por objetivo descrever as características de um determinado grupo e assunto, sem que haja a interferência do pesquisador (GIL, 2002, 2008).

Participaram da pesquisa profissionais da psicologia, que atuam na área de intervenção em ABA para pessoas com o Transtorno do Espectro Autista. O convite para participar da pesquisa ocorreu através do aplicativo de mensagens WhatsApp, sem a necessidade de ida até a instituição. Foram entrevistados 10 psicólogos, do sexo feminino e masculino, através da amostra por acessibilidade ou por conveniência, em três instituições privadas localizadas em Vitória e em Vila Velha, ambas no Espírito Santo.

Para coletar os dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada. As entrevistas ocorreram de forma online e presencial, tendo como objetivo viabilizar o acesso dos participantes. Segundo Gil (2008, p. 112), a entrevista semiestruturada ou focalizada ocorre quando "o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada", ou seja, há um roteiro predeterminado a ser seguido, entretanto, há uma maior flexibilidade.

O primeiro passo realizado foi marcar a entrevista com o profissional, através do WhatsApp, em um dia e local em comum acordo, ocorrendo de forma presencial ou online através da plataforma Google Meet, e posteriormente foi entregue ou enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para que os dados pudessem ser analisados posteriormente, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas de forma integral.

Os dados da presente pesquisa foram analisados à luz da psicologia comportamental, buscando por meio da amostra traçar o papel da terapia ABA para o autismo e a importância da intervenção precoce para um melhor prognóstico a longo prazo para o indivíduo com o Transtorno do Espectro Autista. A interpretação dos dados foi obtida de forma predominantemente qualitativa, buscando analisar as informações coletadas a fim de responder aos objetivos desta pesquisa através da análise de conteúdo de Bardin (2002).

Dessa forma, utilizando a análise de conteúdo, foram criadas oito categorias com objetivo de facilitar a compreensão da análise de dados, sendo elas: a) Experiência na faculdade; b) Desafios da atuação; c) Estratégias utilizadas; d) Evoluções dos pacientes; e) Sentimentos frente ao trabalho; f) Diferencial da ABA; g) Avaliação da ABA; h) Outras intervenções.

Para identificar como se decorreu a experiência dos psicólogos na percepção dos participantes conforme a categoria "A", foi pedido que relatassem acerca do seu processo de formação; em relação a categoria "B", no que concerne aos desafios que enfrentam na sua atuação, foi questionado acerca das dificuldades e obstáculos que percorrem o seu caminho; na categoria "C", foi indagado a respeito dos instrumentos utilizados para auxiliar no processo; em relação a categoria "D", foi perguntado como eles se sentem ao observar ganhos de repertório; sobre a categoria "E", buscou- se analisar os sentimentos que aparecem no dia a dia da intervenção; na categoria "F" foi indagado aos profissionais como eles avaliam o uso da ABA; na categoria "G" foi questionado qual é o diferencial da ABA em relação a outras intervenções

para o autismo; por último, foi perguntado se conhecem outras possibilidades de intervenção para o autismo além da terapia ABA.

Para facilitar a compreensão dos resultados, serão utilizadas algumas falas dos participantes a fim de fomentar a discussão e considerando o sigilo exigido pelo Código de ética de Psicologia, os nomes divulgados serão fictícios, sendo referenciados da seguinte maneira: Julia, Laura, Mariana, Caroline, Ana, Roberta, Matheus, Patrícia, Lucas e Paula.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados da presente pesquisa foram obtidos por meio das entrevistas realizadas com dez psicólogos que trabalham com a Terapia ABA como intervenção para o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Entre os participantes, oito eram do sexo feminino e dois do sexo masculino, sendo que a faixa etária foi entre 23 e 60 anos.

Quanto ao nível de formação, todos participantes possuem superior completo em psicologia. A entrevistada Julia tem pós graduação em ABA, é mestre em análise do comportamento aplicada, e é pós graduanda em autismo, sendo que atua na área há quinze anos. Laura e Paula atuam com ABA e autismo há cerca de um ano e atualmente estão com a pós graduação em análise do comportamento aplicada em andamento. Mariana e Patrícia trabalham na área há três anos, e ambas possuem pós graduação em análise do comportamento aplicada. Caroline e Matheus, trabalham na área há cerca de dois anos e ambos são pós-graduados em análise do comportamento aplicada. Ana é formada há seis meses e é pós graduanda em Análise do Comportamento Aplicada. Roberta e Lucas estão na área há cinco anos e são pós graduados em análise do comportamento aplicada.

4.1 FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA

4.1.1 Experiência com ABA e autismo na faculdade

Visando entender como foi a experiência dos psicólogos entrevistados durante o período de graduação, foi questionado se eles tiveram contato com matérias, estágios, palestras ou pesquisas sobre ABA e/ou autismo. Entre os participantes, Roberta, Laura, Matheus e Patrícia responderam que não tiveram contato sobre ABA e/ou autismo no período de graduação; Caroline teve contato através de um curso oferecido na faculdade sobre a terapia ABA e o transtorno do espectro autista; Mariana estudou rapidamente sobre autismo em uma disciplina e não teve contato com a ABA; Julia não teve contato sobre o que é ABA aplicada ao autismo, entretanto, teve com a Análise do Comportamento, a teoria na qual a ABA se fundamenta e não teve acesso ao ensino sobre o TEA; e por último, Ana, Lucas e Paula tiveram experiência com ABA e autismo somente através de estágio extracurricular, ou seja, em estágio externo à faculdade.

Em relação a experiência em ABA e/ou autismo na faculdade, "[...] a gente estudou rapidamente na faculdade sobre autismo e quando eu estudei lá, não foi falado sobre a ABA" (MARIANA, 2022). Ainda, Laura (2022) enfatiza que:

> a graduação não foca muito nas áreas nas quais você pode trabalhar. A gente tem contato com pouquíssimas áreas de trabalho e não tive contato com a ABA ou autismo durante o curso... Não fiz estágio nessa área, realmente a minha experiência está sendo depois que me formei.

Apesar do mercado nessa área estar crescendo de forma progressiva, existe um déficit em relação aos conteúdos oferecidos na grade curricular dos cursos de graduação em psicologia, não preparando adequadamente os futuros psicólogos para o mercado de trabalho. Tal fala é

comprovada por Silva e outros (2018), que ressaltam sobre como os estudantes de psicologia estão se formando com um conhecimento insuficiente acerca do Transtorno do Espectro Autista e a ABA, ciência frequentemente recomendada como possibilidade de intervenção para o autismo.

A partir das evidências, observou-se que existe uma carência nas formas de ensino das faculdades de psicologia no que se refere ao estudo do Transtorno do Espectro Autista e a ABA. Reitera-se, entretanto, que um participante teve contato com a Análise do Comportamento Aplicada, abordagem na qual a terapia ABA se fundamenta, além disso, duas pessoas tiveram uma breve experiência com a temática autista através de uma matéria ou curso oferecido pela faculdade.

O número de diagnósticos em TEA vem crescendo e consequentemente a busca por opções de intervenções, por isso, de acordo com Silva e colaboradores (2018), o conhecimento regular sobre autismo que os alunos aprendem nos anos de graduação implica diretamente na sua atuação quando se formam caso desejarem seguir neste campo de trabalho, necessitando de mais empenho e estudos acerca do assunto.

4.1.2 Desafios da atuação do psicólogo

Para melhor entender acerca dos desafios na atuação enfrentados pelos psicólogos, foi interrogado aos participantes sobre os principais desafios enfrentados e quais os sentimentos frente e tais situações. Os entrevistados relataram de forma geral, dificuldades em situações como: compreender o comportamento privado do indivíduo; saber trabalhar com crianças e adolescentes não verbais; desgaste com o excesso de trabalho; apego emocional do terapeuta com o cliente; trabalhar sempre de forma a evitar as crises; ter criatividade para inventar diferentes formas de intervir específicas para cada indivíduo e suas respectivas necessidades; trabalho em consonância com a família; manejo adequado para lidar com situações imprevisíveis e comportamentos inadequados; acesso a bons materiais de intervenção por um preço acessível; encontrar um reforçador potente para engajar a criança na atividade; e tornar o processo de intervenção mais suave.

Portanto, evidencia-se os percalços enfrentadas durante o processo de atuação do profissional, tornando-se notório através do relato de Mariana (2022), onde afirma que "no começo eu tinha muita dificuldade em lidar e manejar as crises e os comportamentos inadequados, hoje eu acho que é emocionalmente desgastante e cansativo fisicamente em decorrência da jornada de trabalho intensa [...].''

Além disso, o desconhecido gera insegurança, por isso, conforme a fala de Ana (2022), "tudo que você não conhece no início é mais difícil, aí quando você começa uma relação com o paciente você começa a conhecer como ele funciona, vai aprendendo e vai melhorando conforme vai tendo mais controle sobre a situação".

Os relatos mostram que os desafios são comuns e diversos, requerendo que o profissional encontre formas de lidar com tais adversidades, evidenciando a importância de estudar e pôr em prática o que foi aprendido. Percebeu-se que ao longo do tempo o profissional vai adquirindo mais facilidade e flexibilidade para realizar a sua prática (ALVES; ALVES, 2022). De acordo com Paula (2022),

> acredito que se quando eu estudava na faculdade, nos tivesse sido mostrado mais sobre autismo, aba e tal, eu já iria me inserir nesse campo de atuação tendo mais conhecimento sobre esse assunto, sabe? Claro que as especializações são importantes e eu faria ainda assim, mas acho que já auxiliaria no início da minha atuação ter tido uma experiência na graduação.

De acordo com Silva e colaboradores (2018), muitos desafios poderiam ser minimizados se houvesse maior inserção da temática nas grades curriculares do curso de psicologia. Entretanto, não é o que ocorre e, devido a inexperiência e contato com o tema, quando a oportunidade de emprego nesta área surge, os comportamentos imediatos muitas vezes podem ser de insegurança em decorrência da falta de conhecimento sobre o assunto.

Ademais, através dos relatos, nota-se que apesar de algumas dificuldades persistirem, no começo os desafios são maiores possivelmente devido à falta de experiência na área, entretanto, conforme o profissional vai entendendo como o trabalho deve ser realizado, ele vai adquirindo suas técnicas de manejo que facilitam sua intervenção.

4.1. 3 Estratégias utilizadas na aba

Para compreender quais as estratégias que são mais utilizadas dentro da ABA, os participantes foram questionados sobre quais estratégias utilizavam para auxiliar na sua prática. Os psicólogos citaram: estudos através de cursos pagos e gratuitos; capacitação e supervisão de equipe; realizar um bom vínculo entre terapeuta e cliente; identificação das demandas do paciente; sempre utilizar reforçador; fazer análise funcional do comportamento; e preparar a sessão com antecedência. Acerca dos instrumentos usufruídos durante o seguimento de sua atuação, Paula (2022) expõe que "as estratégias que utilizo são realizar análise funcional, observar e analisar os comportamentos, estudar, ter um vínculo bem estabelecido, participar das supervisões e capacitações em equipe, estudar com bons materiais''. Ainda, a fala de Julia (2022) descreve sobre os processos realizados e as estratégias que utiliza:

> a primeira etapa é a avaliação, então depois de identificar quais são as necessidades individuais do cliente, um plano de intervenção é elaborado, em que para cada comportamento desejado você tem o treino específico e o profissional deve combinar o treino com o manejo, que significa agir de acordo com cada situação e cada criança de acordo com as contingências, não tem algo que é generalizado. É um processo, depois vamos acompanhando, vendo através dos registros e outras avaliações se o indivíduo está evoluindo, o que mais tem que ser feito, a próxima etapa do processo etc.

A cerca disso, Benitez e outros (2020) salienta sobre o leque de possibilidades dos instrumentos que são ofertados dentro da ciência ABA e como isso ajuda no processo de intervenção, cada alternativa tendo a sua relevância para o processo, sendo que os estudos, supervisões, vínculo e registro em protocolos são essenciais no desenvolvimento do trabalho.

Dessa forma, a prática na Terapia ABA possibilita uma gama de possibilidades de recursos para que a realização da intervenção seja possível, na qual algumas delas ficam a cargo do psicólogo escolher como irão desenvolver e a frequência do seu uso, enquanto outras estratégias são imprescindíveis para a execução de um bom trabalho e uma prática profissional ética pautada nos deveres da sua profissão.

4.1.4 Observação de evoluções dos pacientes

Foi questionado aos profissionais entrevistados quanto aos sentimentos apresentados em relação à quando notam avanços no desenvolvimento de seus pacientes. Os profissionais alegaram que, por vezes, pode ser difícil perceber evoluções no dia a dia, visto que são muito sutis e demoram para aparecer, se tornando mais evidentes principalmente através da análise dos protocolos de registro, dos resultados de avaliação, ou por falas de terceiros. Para Paula (2022), quando o terapeuta atende frequentemente a mesma pessoa, muitas vezes pode ser difícil perceber evoluções, por isso, a participante afirma que

> [...] as evoluções aparecem aos poucos... É mais fácil perceber quando alguém fala ou, vendo a avaliação ou os próprios registros dos treinos. E isso é o principal da aba, tudo dá para mensurar. É muito bom ver a criança que você atende ganhando novos repertórios, e é muito reforçador para o meu trabalho e para eu continuar estudando mais.

O sentimento de observar o desenvolvimento do paciente é gratificante, Patrícia (2022), conta que "[...] É uma alegria muito grande quando responde algo que não estava conseguindo antes. Da mesma forma que é frustrante ver que ele não está evoluindo, quando você consegue enxergar o desenvolvimento dele, é muito bom''.

Em concordância, Roberta (2022), compartilha desse mesmo sentimento, sua fala compara o sentimento de testemunhar progressos no desenvolvimento do seu cliente "[...] É como se fosse uma felicidade parecida de quando vi a minha filha dando os seus primeiros passos". Souza (2019), evidencia que acompanhar a evolução traz um sentimento de gratidão e reconhecimento para o seu trabalho, consequentemente reforçando seus comportamentos de se empenhar para realizar um trabalho eficiente.

Os treinos de repertório são demorados e por vezes podem levar meses para surtir algum efeito e quando aparecem, pode passar despercebido devido à agitação do dia a dia, sendo eventualmente identificado o ganho de repertório depois de um tempo quando se torna mais evidente, através da observação dos registros de treino, análise de avaliações ou mediante a fala de outras pessoas. De acordo com Gargantini e colaboradores (2015), é importante valorizar as mínimas conquistas de desenvolvimento sendo toda evolução, por menor que seja, é essencial para ganhos maiores e mais perceptíveis no futuro.

4.1.5 Sentimentos do psicólogo em sua atuação

Em relação aos sentimentos associados ao trabalho, os entrevistados revelaram que os sentimentos e sua intensidade variam de acordo com cada situação. Dentre as descrições dos sentimentos, os mais citados foram a frustração, desgaste emocional, cansaço físico, satisfação, alegria, autocobrança, ansiedade e estresse. Como mencionado por Patrícia (2022),

> [...] quando você vê que o seu paciente não está evoluindo, ou que está com muitos comportamentos de barreira, eu pelo menos me cobro demais, é um sentimento de frustração […] Porque você quer um comportamento, mas não está alcançando, aí pensa: "Por que eu não estou afetando o ambiente o suficiente para emitir tal resposta?'' E ainda, são muitos pacientes em um mesmo dia, na semana, fica uma correria, o atendimento acaba precarizado […] E ainda temos que fazer devolutiva em relação à evolução do paciente para a família, muitas vezes eles não entendem, tem pressa para ver resultados sendo que demora, faltam em muitas sessões […] É muito difícil. Então são esses sentimentos, principalmente, de frustração, ansiedade e autocobrança.

Apesar das dificuldades envolvidas em todo o processo, em geral, os profissionais relataram que se sentem gratos visto que ajudam outras pessoas. Dessa forma, em relação aos sentimentos decorrentes de seu dia a dia no trabalho, Julia (2022) relatou que:

> algumas situações mexem mais e outras menos [...] mas eu sempre tenho a intenção de promover uma intervenção que gere resultados e quando eu tenho resultados positivos, isso me deixa bastante motivada, isso reforça meus comportamentos e os repertório que eu tenho e utilizo nesse trabalho [...] então vai reforçando o repertório que a gente já tem e isso me agrada demais.

Sendo assim, Alves e Alves (2022), evidenciam a sobrecarga enfrentada pelos terapeutas e as consequências físicas e emocionais que podem acarretar, carecendo do profissional maior atenção e cuidado com a sua saúde. Apesar disso, Souza (2019), ressalta que apesar das dificuldades enfrentadas no trabalho, os resultados positivos quando aparecem, acabam

sobrepondo ao sentimento de cansaço, levando a sensação de felicidade, gratidão e de dever cumprido pelo trabalho bem realizado.

A responsabilidade de atender crianças e adolescentes dentro do espectro autista e as demandas que elas possuem é grande, devido ao excessivo número de treinos que devem ser aplicados em cada um dos pacientes, e ainda há a questão das famílias, que por vezes podem ser facilitadoras e auxiliar no processo, estudando sobre e empenhando-se para trabalhar em conjunto com a equipe; enquanto outras podem criar empecilhos e dificultar o seguimento do trabalho, ao mesmo tempo em que questionam o porquê de resultados positivos não estarem aparecendo. De acordo com Roberta (2022),

> geralmente os responsáveis não entendem muito o trabalho que é realizado e muitas vezes não buscam reproduzir as coisas que fazemos na clínica, às vezes vejo uma certa falta de interesse por parte deles, não engajando ou criando barreiras que acabam atrapalhando no tratamento do seu filho.

Em virtude disso, destaca-se o papel elementar da família do paciente no processo de intervenção, visto que, o trabalho é feito em conjunto entre equipe multidisciplinar e os responsáveis, visando a melhoria integral do indivíduo autista e o bem estar dos seus familiares.

4.2 A INTERVENÇÃO ABA

4.2.1 Diferencial da aba

Interrogou-se aos participantes a respeito do diferencial do uso da ABA em comparação a outros métodos de intervenção para a população autista. Os entrevistados expressaram que a Terapia ABA, fundamentada na Análise do Comportamento Aplicada, é uma ciência e portanto é o maior diferencial quando comparado a outras intervenções para o autismo, visto que, não há outras comprovadas cientificamente. Outrossim, expressaram a diferença entre outras abordagens, uma vez que a ABA oferece o ensino de habilidades em diferentes âmbitos, possui formas contínuas de registros dos treinos realizados para melhor acompanhamento e avaliações para fiscalizar o desenvolvimento do indivíduo.

O diferencial da ABA em relação a outras intervenções para o TEA, como exposto por Julia (2022), é que “[...] a ABA é uma ciência. Em outras abordagens da psicologia eu já observei que não há essa preocupação de monitorar o processo e saber se a sua intervenção está produzindo o resultado desejado.” Mariana complementa a fala citada acima dizendo que:

> algumas abordagens fazem terapia para fazer uma mudança a longo prazo, utilizando a ABA, e os outros profissionais que estão colocando um band aid na questão. Eu não digo que ele não vai ter uma mudança, afinal toda estimulação é válida, mas não sei se essa estimulação estará sendo feita de maneira tão adequada quanto poderia ser.

Ainda nessa questão, Lucas (2022), explica que, o diferencial da ABA se dá em virtude de suas formas de quantificar e qualificar os registros: "é possível ter mais dados, números e gráficos, por causa dos registros... São informações quantitativas que complementam as informações qualitativas [...].” Por conseguinte, Benitez e colaboradores (2020) reiteram o diferencial da ABA, em função do seu arcabouço teórico para comprovar a sua eficácia, a quantidade de material para auxiliar o processo de intervenção, capacitações e reuniões de equipe para oferecer assistência aos profissionais, os registros de treinos e avaliações para quantificar e qualificar a evolução, e assim ser possível verificar e analisar se os resultados obtidos estão sendo positivos.

4.2.2 Avaliação da aba

Em relação a avaliação da ABA como possibilidade de intervenção, os entrevistados explicaram que apesar de excelente para o tratamento em autismo, também depende muito do empenho do profissional em estudar e se capacitar constantemente e o uso de bons recursos nos atendimentos para oferecer o melhor para seus pacientes. Os participantes mencionaram como é imprescindível entender o tempo de cada criança ou adolescente, suas preferências e criar um planejamento de intervenção específica.

Por isso, a escolha por essa ciência em detrimento a outras possibilidades de intervenção para o autismo, de acordo com Ana (2022) se mostra promissora por ser "eficaz e vantajosa se usada da forma correta, os resultados tendem a se manter por muito tempo na vida da pessoa, traz melhorias na qualidade de vida a longo prazo e a curto também, mas aí são avanços mais sutis [...]". Caroline (2022), avaliou a ABA como:

> [...] muito boa, mas acho que o processo todo depende muito de como cada pessoa aplica, assim, eu gosto muito de aplicar de uma forma bem humana, para não forçar e não tornar aversivo para criança ou para o adolescente. Porque já existe muito pré-julgamento em relação a ABA, de ser algo robótico e forçado, então eu prefiro fazer de uma forma mais humana […] respeitar o tempo da pessoa que estou atendendo. Acredito que tem como aplicar os programas sem sofrimento, e criança vai conseguir os ganhos, vai alcançar os repertórios, mas ela vai alcançá-los de uma forma que ela não precise sofrer para chegar nisso, sabe?

Logo, a eficácia da ciência ABA de acordo com Benitez e outros (2020) se dá em decorrência de inúmeros pesquisas científicas realizadas que comprovaram a sua efetividade. Ademais, com o aumento pela procura da temática sobre autismo, os estudos tendem a crescer e aumentar o conhecimento, confiabilidade e reconhecimento sobre o assunto e consequentemente o investimento em estudos.

No que diz respeito à avaliação da terapia ABA, os participantes não realizaram críticas negativas à ABA, entretanto, ressaltaram a importância de os profissionais estarem constantemente realizando capacitações em bons cursos, utilizando materiais de qualidade, não forçar a criança para responder à demanda e saber conduzir a sessão de acordo com as demandas do momento. Isto posto, conforme Steinbrenner e outros (2020), apesar da eficácia da ABA, e os resultados positivos que ela é capaz de promover para o indivíduo autista, a sua efetividade também depende da forma como o profissional realiza o seu trabalho.

A prática em ABA e o seu diferencial em comparação a outras terapias e o conhecimento que o profissional possui, influencia inclusive na forma que esse profissional tem com pessoas que estão no espectro autista fora do seu local de trabalho, podendo ter um olhar mais empático a respeito de seus comportamentos. Ana (2022) tem dois primos que que receberam diagnóstico recentemente,

> Eu não convivo muito com eles, porque eles moram em outro estado, mas quando eu os vejo, interajo pouco. Como eu falei, são recém diagnosticados e eles têm um pouco de déficit de interação, eu tento interagir com eles mas não têm muitas respostas, eles ficam um pouco apáticos, mas é isso. Mas o convívio é bom também, acredito que nós profissionais da área, acabamos tendo mais empatia por todas as questões que envolvem o autismo.

De acordo com a de Ana citada anteriormente, o convívio com os primos com TEA é bom, e a profissional acredita que isso ocorre principalmente devido a atuar na área e conhecer as características que envolvem o TEA. Entretanto, existem dificuldades em relação à distância e devido a pouca interação das crianças, mas ela tenta brincar com eles.

Portanto, a ABA, através da sua forma de monitoramento, tem a capacidade de saber se os treinos estão surtindo efeito e se as variáveis que estão tentando alcançar estão modificando o ambiente e surtindo o efeito desejado. Também é possível quantificar a evolução, ver em

quanto tempo o indivíduo demorou para atingir tal resultado e a sua frequência de acertos, assim como outras possibilidades de análise dos dados. Por último, não foram achados estudos acerca em relação ao convívio deste profissional com outras pessoas autistas ou em fase de avaliação diagnóstica, além do âmbito da clínica.

4.2.3 Outras intervenções

No tocante a outros tipos de intervenção para o Transtorno do Espectro Autista, além da Applied Behavior Analysis, Mariana, Ana, Roberta, Lucas disseram não conhecer nenhuma outra opção de intervenção; Julia, Laura e Paula falaram que sabem que qualquer abordagem da psicologia pode trabalhar atuando no tratamento de pessoas autistas; e por fim, Caroline, Matheus e Patrícia falaram que conhecem os métodos Denver e Floortime.

Destaca-se que nenhum participante usou outra intervenção se não a ABA, apesar de conhecer. Para Laura, embora todas as abordagens da psicologia terem a capacidade de intervir com pessoas autistas, "[...] não dá para olhar para a ABA e não falar que é o padrão ouro para intervir com pessoas autistas. Então assim, sei que outras abordagens também trabalham com autismo, mas não sei se concordo''. Isto posto, de acordo com Faustino outros (2021), cada abordagem da psicologia se aprofunda em objetivos específicos para atuar com a população autista.

Além disso, para Matheus (2022) em relação a outras possibilidades de intervenção, ele relatou que "conheço Denver e o Floortime, mas eu enquanto psicólogo que trabalho com algo baseado na ciência, prefiro a ABA que tem comprovação científica.'' Conforme Canal e Silva (2022), o modelo Denver empenha-se em promover a interação social, por meio da utilização de reforçadores, utilizando um protocolo a ser seguido, que são divididos nos eixos de orientação social, linguagem social, jogos, brincadeira simbólica e redução de deficiências. O Floortime, por sua vez, é um modelo que intervém trabalhando no desenvolvimento de relações interpessoais e na diferença individual, formando bases sólidas para o progresso de competências emocionais, sociais e intelectuais.

Apesar de existirem outras possibilidades de intervenção para o Transtorno do Espectro Autista, os profissionais entrevistados preferem o uso da Applied Behavior Analysis devido ser uma ciência e ter eficácia comprovada, possuindo um enorme acervo de estudos sobre o assunto, possibilitando formas de atuação mais assertivas, conforme relato dos participantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou compreender a relevância da terapia ABA como tratamento para pessoas que estão no Espectro Autista, para isso, teve como objetivo investigar e analisar o diferencial do psicólogo nessa prática. O presente trabalho explorou como tem sido traçada a experiência dos psicólogos que trabalham com ABA para intervenção em TEA, e foi constatado que apesar das dificuldades enfrentadas no exercício da profissão, que porventura geram sentimentos desagradáveis, quando o profissional identifica indícios de avanço e conquista de novas habilidades nos seus pacientes, os sentimentos predominantes são de gratidão, felicidade, sensação de missão cumprida e de motivação para se empenhar mais.

Foi averiguado que os principais desafios que aparecem no cotidiano se referem: custo financeiro de bons materiais e de cursos profissionalizantes; identificar e saber intervir nos comportamentos privados e manejo de comportamentos inadequados; desenvolver formas de intervir com pacientes não verbais; necessidade constante de ser criativo para lidar com as especificidades de cada indivíduo; e o excesso de trabalho.

As estratégias utilizadas pelos psicólogos foram a procura de instrumentos de aplicação de boa qualidade, cursos gratuitos ou não, capacitação e supervisão de equipe, criação e manutenção de um vínculo forte entre o paciente e o terapeuta, buscar discernir a demanda do paciente, utilização de reforçadores potentes e a preparação com antecedência da sessão.

Em relação a outra possibilidade de intervenção para pessoas autistas além da ABA, cinco das dez pessoas entrevistadas não conhecem outra opção, três conhecem Denver e Floortime, enquanto duas sabem que todas as abordagens da psicologia possuem a capacidade de trabalhar com esse público, mas nunca atuaram e não acreditam na eficácia a longo prazo.

No decorrer da pesquisa, atestou-se que existe uma lacuna nas grades curriculares dos cursos de graduação em psicologia, seja em faculdade pública ou privada, referente ao ensino mais aprofundado sobre o Transtorno do Espectro Autista e a ABA como viabilidade de intervenção, seja através de disciplinas, cursos, estágios obrigatórios ou iniciação científica.

Apesar do avanço na inserção da temática nas grades curriculares, observou-se que os dados em pesquisas ainda estão desatualizados e não refletem a atualização do ensino. Portanto, para estudos posteriores, devido às limitações da presente pesquisa, recomenda-se o estudo acerca das implicações do ensino do curso de Psicologia para o profissional que vem a se formar. Ainda, aconselha-se pesquisar como foi para o psicólogo entrar no mercado de trabalho e escolher trabalhar a ABA voltada para o TEA, principalmente quando esse mesmo profissional não teve contato com essas áreas no período em que era estudante.

Em virtude do crescimento da procura por essa intervenção, o mercado de trabalho nessa área aumentou e a consequente procura por profissionais especializados. Por isso, ressalta-se a diferença entre os profissionais entrevistados que possuem mais especializações, visto que quanto mais fundamentação teórica, a tendência é que isso venha auxiliar no seu trabalho. Ademais, aqueles psicólogos que possuem mais tempo de atuação na área, possuem mais facilidade e habilidade em realizar suas intervenções.

Portanto, o corrente estudo ressalta a importância da implementação do ensino sobre autismo e ABA nas faculdades, visto que assim os estudantes poderiam vivenciar, através da teoria e/ou da prática, e terem mais noção da área que irão seguir quando se formarem e os estudos e práticas posteriores consequentemente seriam facilitados. Não foram encontrados resultados opostos para realizar a discussão, por outro lado, foi observado que as falas dos participantes se complementam entre si, reforçando as temáticas abordadas e ressaltando a eficácia da Terapia ABA como intervenção para o autismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por me guiar nesses meses difíceis de construção deste trabalho que se passaram.

Aos meus familiares, que entenderam meu distanciamento e me deram amparo quando precisei. Obrigada por tudo que fizeram e ainda fazem por mim.

Aos meus amigos, que escutaram minhas dores e ofereceram abraços e palavras de apoio.

Às coordenadoras da clínica de ABA voltada para o TEA em que trabalhei por cerca de um ano, agradeço pela oportunidade, por todo o suporte que me proporcionaram. Saibam que a experiência foi fundamental na minha caminhada e fomentou o meu desejo em realizar a presente pesquisa.

Ao restante da equipe da clínica, obrigada por todos os ensinamentos e companheirismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maíra; NEVES, Anamaria. A popularização diagnóstica do autismo: Uma falsa epidemia? **Psicologia: Ciência e Profissão**. 2020, v. 40. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/WY8Zj3BbWsqJCz6GvqGFbCR/?lang=pt#. Acesso em: 24 abr. 2022.

ALVES, Ângela; ALVES, Thamy. O autismo e o psicólogo na psicologia clínica. **Revista Ibero - Americana De Humanidades, Ciências e Educação,** São Paulo, v.8, n.02, p. 201-218, fev. 2022. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4162/1682. Acesso em: 5 nov. 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: **ARTMED**, 2014, 5a. ed. Disponível em: http://neuroconecta.com.br/wp-content/uploads/2019/01/DSM-5-portugues.-pdf.pdf. Acesso em: 30 abr. 2022.

BARDIN, Laurence. Definição e Relação com as outras ciências. In:___. **Análise de Conteúdo.** 70. ed. Lisboa: LDA, 2002. p.42. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7105754/mod_resource/content/1/BARDlN__L._1977._Analise_de_conteudo._Lisboa__edicoes__70__225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf. Acesso em: 24 abr. 2022.

BARROS, Romariz. Uma introdução ao comportamento verbal. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 73 - 82, jun. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452003000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 nov. 2022.

BENITEZ, Priscila et al. Centro de Desenvolvimento e Aprendizagem: um estudo de caso interdisciplinar em análise do comportamento aplicada. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 351-367, abr. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872020000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 jun. 2022.

BEZERRA, Marcos. A importância do método ABA – análise do comportamento aplicada – no processo de aprendizagem de autistas. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** V. 6, p. 1-21, 2018. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/aprendizagem-de-autistas. Acesso em: 24 set. 2022.

BORBA, Marilu; BARROS, Romariz. Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico comportamental ao autismo. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018. Disponível em: https://abpmc.org.br/wp-content/uploads/2021/08/1521132529400bef4bf.pdf. Acesso em: 6 nov. 2022.

BRASIL: Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 11 jun. 2022.

BUSCAGLIA, Leo. **Os deficientes e seus pais**. 5ed. São Paulo: Record, 2006. Disponível em: http://feapaesp.org.br/material_download/325_Os%20deficientes%20e%20seus%20pais%20-%20Leo%20Buscaglia.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.

CANAL, Sandra; SILVA, Karla. Refletindo sobre as intervenções para pessoas com Transtorno do Espectro Autista: diferentes concepções. **Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação**, v. 3, n. 1, p. 112 -1 30, 2022. Disponível em: https://periodicos.baraodemaua.br/index.php/cse/article/view/239/259. Acesso em: 4 nov. 2022.

CASSAS, Fernando. **O acompanhamento terapêutico como prática do analista do comportamento: Uma caracterização histórica com base no behaviorismo radical.** 2013. 162 f. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.pucsp.br/sites/default/files/fernando-albregard-cassas.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.

FAUSTINO, Antonia et al. As abordagens terapêuticas psicológicas na qualidade de vida dos autistas: Revisão de literatura. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, Piauí, vol. 10, n. 8, p. 1- 10, set. 2021. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16870/15379. Acesso em: 29 out. 2022.

FERREIRA, Luciene; SILVA, Álvaro; BARROS, Romariz. Ensino de aplicação de tentativas discretas a cuidadores de crianças diagnosticadas com autismo. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 7, n. 1, p. 101–113, 2017. Disponível em: https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/173. Acesso em: 10 nov. 2022.

FREITAS, Bárbara; GAUDENZI, Paula. “Nós, mães de autistas”: Entre o saber da experiência e as memórias coletivas em vídeos no YouTube. **Ciência & Saúde Coletiva.** v. 27, n. 04, p. 1595-1604, abr. 2022. Disponível em: https://scielosp.org/article/csc/2022.v27n4/1595-1604/#. Acesso em: 15 set. 2022.

GARGANTINI, Ana et al. Intervenção Analítico Comportamental frente ao transtorno autista. **Akrópolis,** Umuarama, v. 23, n. 1, p. 75-86, jan./jun. 2015. Disponível em: https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/5593. Acesso em: 06 jun. 2022.

GIL, Antonio. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022.

GIL, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022.

GOMES, Eliana; COELHO, Hellen; MICCIONE, Mariana. Estratégias de intervenção sobre os transtornos do espectro do autismo na terapia cognitivo comportamental: Análise da literatura. **Revista Estação Científica**, Juiz de Fora, nº 16, p. 1 - 16, 2016. Disponível em: https://portal.estacio.br/media/3727389/estrat%C3%A9gias-de-interven%C3%A7%C3%A3o-sobre-os-transtornos-do-espectro-do-autismo-na-terapia-cognitivo-comportamental.pdf. Acesso em: 29 set. 2022.

GOULART, Paulo; DE ASSIS, Grauben José Alves. Estudos sobre autismo em análise do comportamento: aspectos metodológicos. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 4, n. 2, p. 151-165, 2002. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452002000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 set. 2022.

MELLO, Ana. **Autismo:** Guia Prático. 7.ed. 6 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2003. Disponível em: http://www.psiquiatriainfantil.com.br/livros/pdf/AutismoGuiaPratico.pdf. Acesso em: 25 abr. 2022.

NASCIMENTO, Anna; LIMA, Gabriela; MORAES, Paola. **Intervenção precoce em crianças com suspeita ou diagnóstico de autismo: Uma revisão integrativa**. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Ciências Humanas, Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/14161. Acesso em: 11 jun. 2022.

NASCIMENTO, Matheus. **Implicações do diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA):** Uma análise qualitativa do documentário ‘stimados autistas’. 2021. 14 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Ciências Humanas, Faculdade de São Lourenço, São Lourenço, 2021. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/saolourenco/wp-content/uploads/sites/10005/2022/06/Matheus-Nascimento-IMPLICA%C3%87%C3%95ES-DO-DIAGN%C3%93STICO-TARDIO-DO-TRANSTORNO-DO-ESPECTRO-AUTISTA-TEA.pdf. Acesso em: 11 set. 2022.

NIKOLOV, Roumen; JONKER, Jacob; SCAHILL, Lawrence. Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros. **Rev. Bras Psiquiatr.** 2006, v. 28, n. 1, pp. 39 - 46. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbp/a/mQqCJBBZj3kmG7cZy85dB7s/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 set. 2022.

OLIVEIRA, Bruno et al. Políticas para o autismo no Brasil: Entre a atenção psicossocial e a reabilitação. **Physis: Revista de Saúde Coletiva.** 2017, v. 27, n. 03, p. 707-726. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/physis/2017.v27n3/707-726/#. Acesso em: 15 set. 2022.

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth. **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre: Artmed. 10ed, 2013.

PINTO, Rayssa et al. Autismo infantil: Impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. 2016, v. 37, n. 3, p. 1- 17. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?lang=pt#. Acesso em: 15 set. 2022.

SANTOS, Edson; LEITE, Felipe. A distinção entre reforçamentos positivo e negativo em livros de ensino de análise do comportamento. **Perspectivas**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 10-19, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482013000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2022.

SANTOS, Silvana. **Construção da Relação Terapêutica no Contexto da Análise Comportamental Clínica.** Brasília: Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, 2017. Disponível em: https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2018/02/Silvana-Pereira-dos-Santos-Monografia-FACC.pdf. Acesso em: 4 nov. 2022.

SCHMIDT, Carlo; FINATTO, Mariele; FERREIRA, Lívia. Atendimento educacional especializado e autismo: Uma aproximação às práticas baseadas em evidências, 2022. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3990/version/4217. Acesso em: 7 jun. 2022.

SILVA, Hevelyn; PASSETO, Rafaela; BARCELOS, Lorena. Contribuições do método aba para a criança autista nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista da graduação UNIGOIÁS.** Goiânia, v. 3 – n° 1, p. 1- 17, jun. 2022. Disponível em: https://anhanguera.edu.br/wp-content/uploads/Artigo-1-3.pdf. Acesso em: 24 set. 2022.

SILVA, Leonidas et al. Formação do psicólogo sobre autismo: estudo transversal com estudantes de graduação. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 153-166, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872018000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 out. 2022.

SILVA, Micheline; MULICK, James A. Diagnosticando o transtorno autista: Aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão.** 2009, v. 29, n. 1, pp. 116-131. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/RP6tV9RTtbLNF9fnqvrMVXk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 30 abr. 2022.

SILLOS, Isabela. A Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: Uma revisão da literatura. **Revista Atenas Higeia**, v. 2, n. 1, p.1-8, 2020. Disponível em: http://atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/19/33. Acesso em: 10 set. 2022.

SKINNER, Burrhus. **Ciência e Comportamento Humano.** 11ª edição. Martins Fontes, 2003. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185932/mod_resource/content/1/SKINNER%2C%20B.%20F.%20Ci%C3%AAncia%20e%20comportamento%20humano.pdf. Acesso em: 7 jun. 2022.

SOUSA, Deborah et al. Análise do Comportamento Aplicada: A percepção de pais e profissionais acerca do tratamento em crianças com espectro autista. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 13, n. 1, p. 105-124, abr. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v13n1/v13n1a07.pdf. Acesso em: 30 abr. 2022.

SOUZA, José et al. Atuação do psicólogo frente aos transtornos globais do desenvolvimento infantil. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 24-31, jun. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/xf8W4GBLDwZNnHd86WBzZmh/?lang=pt. Acesso em: 09 jun. 2022.

SOUZA, Raniele. **A atuação do psicólogo nas organizações não-governamentais que atendem a pessoa com o transtorno do espectro autista**. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29147/1/Atuacaopsicologoorganizacoes_Souza_2019.pdf. Acesso em: 29 out. 2022.

STEFFEN, Bruna et al. Diagnóstico precoce de Autismo: Uma Revisão Literária. **Revista de Saúde Multidisciplinar,** v. 6, n. 2, 2019. Disponível em: http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/91. Acesso em: 24 abr. 2022.

STEINBRENNER, Jessica et al. Prática Baseada em Evidências para Crianças, Adolescentes e Jovens Adultos com Autismo. National Clearinghouse on Autism Evidence and Practice Review Team, p. 1- 62, 2020. Disponível em: https://www.terapiaaba.com.br/upload/ebp-traducao-final.pdf. Acesso em: 11 nov. 2022.